

O RESPEITO E A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL: A LITERATURA INDIÍGENA NA SALA DE AULA

Geovana Laura da Silva Souza ¹
Banjaqui Nhaga ²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo maior promover o respeito à diversidade cultural existente no país e a valorização dos povos indígenas pertencentes à sociedade brasileira. A importância de conhecer e estudar essas culturas e valores na sala de aula provoca no aluno, indígena ou não, a busca por sua ancestralidade, sua identidade e seu pertencimento social. Entender que o processo da literatura indígena, acontece desde a colonização até os dias atuais, tornando a oralidade em escrita como meio de comunicação para lutar, resistir e ensinar os costumes dos povos nativos. Através da leitura dessa literatura na sala de aula, o aluno inicia o letramento literário para compreender os significados das multimodalidades textuais existente nos textos indígenas. O trabalho da literatura indígena na escola soma a diferença com a semelhança tornando-as uma só para a promoção do respeito, valorização e empatia entre os alunos dentro da sala de aula e fora dela. Com isso, as obras dos autores Daniel Munduruku, Ana Maria Bergamin Neves, Alcione Pauli e Sueli de Souza Cagneti e Janice Thiél foram utilizadas com maior ênfase da construção do artigo.

Palavras-chave: Literatura indígena, Diversidade, Valorização Cultural, Sala de aula, Respeito.

INTRODUÇÃO

A importância da literatura na sala de aula é essencial para a formação do leitor em seus aspectos cognitivo, cultural e social. Com isso, ao se trabalhar a cultura indígena dentro da literatura, outras questões serão abordadas, como os valores e a identidade. Além de a temática trazer a valorização, importância e representatividade, o aluno não indígena construirá o respeito, admiração e valorização dessa cultura que também é a dele, mas passa despercebida em seu cotidiano.

¹ Graduada pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Uninassau-Caruaru - PE, geovana-laura@hotmail.com;

² Professor orientador: Doutorado em Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, UFCG – PB banjaki@gmail.com.

A lei nº 11.645, de março de 2008 que alterou a Lei nº 9.394 - LDB, de 20 de dezembro de 1996 já alterada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, inclui o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena no ensino fundamental e médio nas escolas públicas e privadas especialmente nas disciplinas de educação artísticas, literatura e histórias brasileiras a fim de promover a cultura, luta, valorização e a diversidade multicultural existentes no Brasil. Porém, ainda é difícil encontrar livros indígenas nas escolas brasileiras, além da não valorização de obras autorais, dificultando ainda mais o conhecimento acerca da história do Brasil e suas influências culturais existentes entre todo o povo brasileiro.

Como citado, a literatura é uma das disciplinas que aborda essa temática, com isso, o papel que ela tem na sala de aula vai além da formação do leitor, quando apresentado as histórias indígenas - com todas suas características - começa-se o processo de aproximação e representatividade cultural no ambiente escolar.

Outro aspecto importante a ser contemplado durante a leitura é a identificação de traços das culturas indígenas existentes na nossa própria cultura e como isso é extremamente fundamental para compreender o significado de identidade cultural e social e seu pertencimento dentro de um determinado grupo, pois, “poderíamos dizer que temos uma ancestralidade, um passado, uma tradição que precisa ser continuada, costurada, bricolada todo dia.” (MUNDURUKU, 2009, p.16).

Assim, o presente artigo abordará o conceito da literatura indígena e maneiras de trabalhá-la na sala de aula a fim de construir não só o hábito de leitura de livros indígenas como também o fortalecimento da relação étnico-racial entre os alunos, de maneira que possa interferir no convívio escolar e social de suas vidas, iniciando o processo de respeito, empatia, valor, amizade e tolerância. Além disso, haverá também a quebra dos estereótipos que são dados aos indígenas, que eram e ainda são vistos como pessoas pobres, atrasados e inferiores aos demais.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa descritiva sistemática, pois, a construção desse artigo aconteceu a partir da revisão bibliográfica de 14 artigos datados entre 2014 e 2020, relacionados à temática proposta e a leitura de obras sobre a literatura indígena, seus conceitos, história e desenvolvimento na sala de aula. Os autores utilizados como

referência foram Munuduruku (2001) e (2009), Thiél (2012), Neves (2012), Graúna (2013), Albuquerque (2014), Cagneti e Pauli (2015), Borges (2016), Funari e Piñón (2016) e Fragata (2018) e Guedes (2020).

Para um maior embasamento teórico e valorização da literatura autoral, foi trabalhado com maior ênfase o livro *O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira do escritor e professor Daniel Munduruku*, cujo assunto a ser tratado varia entre mitos e histórias do povo Munduruku, preces, contos, fábulas, questões sociais, identitárias, a desmitificação do “descobrimento” do Brasil – discutido no primeiro tópico, onde é feito um contexto histórico sobre os povos indígenas - e outras multimodalidades textuais presentes na característica da literatura indígena que são apresentadas detalhadamente no segundo tópico. Em seguida, se observa as influências indígenas presentes na sociedade, que passam despercebidas e não são valorizadas devidamente.

Com a leitura do livro *Trilhas literárias indígenas para a sala de aula*, das autoras Sueli de Souza Cagneti e Alcione Pauli, foi percebido que o mito indígena é uma das propostas a serem discutidas na sala de aula, assim, foi exposto no artigo esse exemplo de trabalho a ser feito na escola. Já no livro *Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque* de Janice Thiél, a autora sugere a análise de etapas de leitura de livros indígenas com a finalidade de o aluno entender cada particularidade da literatura. Com isso, a estrutura do último tópico, foi feita a partir desses dois livros para que o professor também consiga reproduzi-las com seus alunos.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Breve histórico dos povos indígenas do Brasil

Segundo Thiél (2012, p.11) “Literatura é a arte da palavra e a palavra diz o mundo, diz os seres que nele habitam e diz sua história, suas relações, encontros, conflitos, buscas e questionamentos”. Por abranger todas essas questões, a literatura indígena busca contar a história de diferentes etnias indígenas, ricas em culturas, lutas e superações, trazendo em suas características o bilinguismo e as multimodalidades textuais.

Para entender cada particularidade dessa literatura é necessário um contexto histórico, desde antes da colonização até os dias de hoje. Não são 500 anos de história do

Brasil, são mais que isso. O “homem branco” que “descobriu” o Brasil, quando este já estava habitado, conta uma versão que por muitos anos foi – e ainda é – o que os livros didáticos trazem em seu currículo, a ideia de que, segundo Munduruku (2009), o “índio” é visto como uma pessoa que não tem nenhum papel relevante na sociedade e que vive em função de seu passado.

Portanto, é preciso ouvir a voz dos indígenas que por muito tempo foi silenciada e começar a valorizar essa narrativa bem como os seus escritores, para compreender o outro lado da história brasileira. Na obra *O banquete dos deuses*, Daniel Munduruku, reconta uma história antiga em formato de fábula, onde um grande jatobá explica aos animais a origem dos povos indígenas e o respeito à Mãe Terra³:

Cada um deles tinha um nome que designava sua identidade, seu modo de compreender o mundo em que viviam. [...] Andavam seminus, sem roupas pesadas. Sua única vestimenta eram os enfeites que confeccionavam com material retirado da natureza. [...] Não tinham chefes, muito embora tivessem leis que deveriam ser cumpridas por todos sob pena de castigo. Durante muitos milhares de anos viveram assim: retirando da natureza o que precisavam para sobreviver [...] Milhares de anos se passaram sem necessidade de criar novas tecnologias. Estavam satisfeitos. Eram felizes com o que haviam escolhido para a própria vida. Mas um dia, tanta felicidade foi abalada. (MUNDURUKU, 2009, p.43)

No início do trecho, há uma quebra de estereótipo recorrente nos dias atuais: o achismo que os indígenas são iguais. Nele percebe-se que cada povo tem um nome, logo, sua identidade e costumes são diferentes dos demais, mesmo com tantas coisas em comum. Nota-se também a infelicidade que surgiu quando o 1 Mãe Terra é o termo usado, pelos povos indígenas, ao se falar da natureza, como forma de respeito e gratidão a tudo que ela oferece às pessoas. 16 colonizador chegou ao Brasil, transformando toda uma cultura que por milhares de anos existiu nessa terra.

Outras atrocidades aconteceram naquela época, como a escravidão tanto de indígenas quanto de africanos, o desmatamento e desrespeito à Mãe Terra e a obrigatoriedade de conversão religiosa ao catolicismo. Sendo o último, uma missão encaminhada ao jesuíta José de Anchieta pela Companhia de Jesus, com a intenção de não só catequizar os nativos, mas também à submissão, “tal submissão é simbolicamente

³ Mãe Terra é o termo usado, pelos povos indígenas, ao se falar da natureza, como forma de respeito e gratidão a tudo que ela oferece às pessoas.

confirmada pelo lançar de cruces ao pescoço de cada índio e pelo beijo dado no momento em que são recebidas” (THIÉL 2012, p.56)

Em contrapartida dessa atitude etnocêntrica⁴, a literatura indígena traz um olhar diferente sobre esse episódio desumano, mostrando o sentimento de tristeza e decepção.

E, para torná-los cristão, foi-nos enviado o exército cristão daquela época: a Companhia de Jesus. Vinham para converter os gentios, selvagens que não conheciam o deus cristão. Passaram-se séculos e passaram-se muitos povos. A cruz dos jesuítas trouxe a dor, trouxe as doenças aqui desconhecidas, mas não trouxe a paz aos povos. (MUNDURUKU 2009, p.63)

Com isso, vieram as movimentações, lutas e resistências indígenas como forma de reconhecimento e respeito à cultura, diversidade e valores existentes até hoje na sociedade que “apesar da intromissão dos valores dominantes, o jeito de ser e viver dos povos indígenas vence o tempo: a tradição literária (oral, escrita, individual, coletiva, híbrida, plural) é uma prova dessa resistência.” (GRAÚNA, 2013, p 15)

A resistência dos povos indígenas diz muito sobre eles e sobre como o Brasil se desenvolveu ao longo dos 500 anos, desenvolvendo esse que aconteceu por meio de agressões, violência, escravidão e desmatamento. Assim, a porta para o conhecimento de suas lutas e história é a literatura indígena que hoje está cada vez mais conhecida no país.

2. Conceituando a literatura indígena

De acordo com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), no Brasil existem 274 línguas indígenas e 305 diferentes etnias, com isso, Munduruku (2009) traz a ideia de que a palavra “índio” é um termo pejorativo, pois é dada a todos os indígenas sem considerar suas culturas, costumes e valores que difere cada povo.

Os rituais, os cânticos, as cerimônias festivas, a arte da pintura, enfeites e vestimentas (cada qual própria para um momento), as pinturas corporais, pinturas em utensílios domésticos, a ritualística utilização das cores, tudo isso e tantas outras atividades são as bases da literatura indígena. (GUEDES 2020, p.3)

⁴ Etnocentrismo é a visão de mundo de quem considera o seu grupo étnico, nação ou nacionalidade socialmente mais importante do que os demais.

Como forma de resistência cultural, através da oralidade, utilizada para a transmissão dos costumes e valores de cada povo, essa literatura foi ganhando forma escrita para além das tribos e aldeias, chegando aos leitores não-indígenas, principalmente para o público infanto-juvenil.

Visando à construção desse mundo, os textos literários de autoria indígena tratam de uma série de problemas e perspectivas que tocam na questão identitária e que devem ser esclarecidos e confrontados com os textos não indígenas, pois trata-se de uma questão muito delicada e muito debatida hoje entre os escritores indígenas. (GRAÚNA, 2013, p.55)

Por muito tempo essa literatura foi marginalizada, pois se tratando de textos com várias modalidades, línguas e texturas não se encaixariam, portanto, no cânone literário, uma vez que este seja padronizado pela cultura ocidental. Porém, em um país multicultural e pluriétnico, a literatura indígena vem ganhando mais visibilidade, bem como o reconhecimento de seus escritores.

Thiél (2012) explica cada uma dessas particularidades:

1) *O entrelugar da literatura indígena* é o lugar da produção dos textos, é uma relação entre tribo/cidade onde os indígenas transitam no seu dia a dia, convivendo em espaços de diferentes culturas. “o *entrelugar* caracteriza-se, portanto, por sua mestiçagem, e fundamenta-se na abertura para trocas culturais.” (THIÉL, 2012, p.78).

2) *Os gêneros literários* indígenas são marcados pela oralidade e visualidade além de ser multimodais, tornando o texto híbrido. São eles: os *relatos cerimonial e popular* que são os cantos, cerimônias e pequenas histórias; o *relato mítico*, que conta a origem do mundo e dos deuses, sendo o verdadeiro saber das comunidades indígenas; o *relato ensaístico*, que é através dele que são debatidos os assuntos sociais, políticos e identitárias; e o *gênero memorialístico*, é um texto híbrido, pois é a junção da autobiografia com as memórias, e busca compartilhar as memórias do povo indígena e/ou do próprio escritor junto a seu povo.

3) *A autoria* é a literatura escrita pelos próprios indígenas ou de linhagem indígena, as imagens, cantos e preces que aparecem nos textos também são autorais da cultura de um ou vários povos, “a marcação autoral indígena conduz ainda ao reconhecimento de um *outro* que afirma sua(s) identidade(s).” (THIÉL, 2012, p.86)

4) *A composição multimodal* são os elementos que complementam o texto, como imagens e grafismos que tem todo um significado, sejam sociais, culturais ou políticos que interagem com o texto escrito.

A autora ainda descreve mais três características dessa literatura, a *textura*, o *contexto* e o *texto* que complementam a textualidade indígena.

A *textura* da obra indígena pode estar vinculada aos elementos linguísticos utilizados para construí-la, ao(s) idioma(s) e às estruturas originadas na tradição oral. A *textura* pode vir a incluir não só palavras, mas desenhos e cores, baseados em valores e tradições culturais. [...] O *contexto* envolve a localização sociopolítico-cultural do narrador/autor e do ouvinte/leitor. [...] Quanto ao *texto*, refere-se à narrativa, à história contada. Esta é compreendida em sua totalidade pela leitura dos elementos que constituem sua *textura* e *contexto*. É o conjunto desses elementos que faz a obra e leva à construção de seus significados. (THIEL 2012, p.42-43)

Um exemplo disso é o livro *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos* do professor e escritor indígena Daniel Munduruku, onde ele descreve a história de seu povo, o povo Munduruku, através dos mitos, Graúna (2013, p.65) diz que “as adaptações de mitos e lendas indígenas oferecem um repertório vastíssimo, embora algumas pareçam mais propícias em atender ao mercado editorial ao público infanto-juvenil”. Ao longo do livro é perceptível a utilização de palavras, desenhos – feitos por crianças Munduruku da aldeia Katô – e cores que definem a *textura*, já o *contexto*, refere-se às memórias ancestrais do povo em diálogo com o leitor, o conjunto desses dois elementos compõem o *texto*.

Todas essas particularidades demonstram o quanto a literatura indígena é rica em sua diversidade cultural que faz parte da sociedade brasileira e que não deve ser esquecida, bem como sua importância para a valorização e o respeito pelos povos indígenas do Brasil, assim “enquanto tivermos coragem de reviver todas as histórias pelas quais passamos e pelas quais passaram nossos antepassados, estaremos dando sentido ao nosso existir e reconheceremos que viver vale a pena”. Munduruku (2001, p.8)

Boa parte dos alimentos que comemos no Brasil é de origem cultural indígena – como a mandioca, o angu e a tapioca, para os quais usamos os termos tupis. A batata, o tomate, o milho – também de origem cultural indígena – forma absorvidos e são consumidos na própria Europa. Quando nos alimentamos de “sucrilhos” ou polenta, nem sempre lembramos que advêm de produtos indígenas, ainda que transformados por outros povos e costumes. Quem associa uma soneca na rede aos índios? (FUNARI e PINÓN 2016, p.16)

Muitas são as influências culturais presente nos dias de hoje, as músicas e ritmos calorosos, o uso de plantas medicinais para cura de doenças ou as comidas típicas presentes nas refeições das pessoas, como a mandioca e seus derivados. Todos esses costumes são vivenciados na vida de cada brasileiro, passando despercebidas em seu dia a dia, esquecendo-se que o sangue indígena corre nas veias de qualquer um.

3 Diversidade cultural e influências indígenas

No início da colonização, aconteceu o processo de aculturação⁵ com os povos indígenas do Brasil, ou seja, a cultura indígena foi modificada pela cultura europeia, de forma crucial e violenta. Um reflexo desse período na atualidade são o preconceito e os estereótipos aos indígenas, pois houve um desrespeito absurdo aos saberes e culturas dos povos que residiam nessa terra. (ALBUQUERQUE, 2014)

Esses saberes e culturas são poucos reconhecidos nos dias de hoje, portanto a literatura indígena tem como um dos seus objetivos compartilhar para o público indígena e não indígena, os costumes e suas manifestações, que fazem parte da herança deixada pelos povos indígenas e que precisam ser aprendidas por todos (GUEDES, 2020).

Boa parte dos alimentos que comemos no Brasil é de origem cultural indígena – como a mandioca, o angu e a tapioca, para os quais usamos os termos tupis. A batata, o tomate, o milho – também de origem cultural indígena – forma absorvidos e são consumidos na própria Europa. Quando nos alimentamos de “sucrilhos” ou polenta, nem sempre lembramos que advêm de produtos indígenas, ainda que transformados por outros povos e costumes. Quem associa uma soneca na rede aos índios? (FUNARI e PINÓN 2016, p.16)

Muitas são as influências culturais presente nos dias de hoje, as músicas e ritmos calorosos, o uso de plantas medicinais para cura de doenças ou as comidas típicas presentes nas refeições das pessoas, como a mandioca e seus derivados. Todos esses costumes são vivenciados na vida de cada brasileiro, passando despercebidas em seu dia a dia, esquecendo-se que o sangue indígena corre nas veias de qualquer um.

Já dissemos anteriormente que não é possível negar a contribuição que os povos indígenas deram para a formação do povo brasileiro. Negar essa contribuição é negar uma história que vem sendo esquecida propositalmente há muitos séculos. [...] É preciso acabar o distanciamento que existe entre o povo brasileiro e os povos indígenas. O indígena é brasileiro, o brasileiro é também indígena. (MUNDURUKU 2009, p.66)

Os autores indígenas trazem em seus livros a importância da valorização desse tipo de conhecimento, que segundo Graúna (2013, p. 83), eles “são formadores de opinião; guardadores de costumes, do conhecimento ancestral”, tornando a leitura prazerosa para conhecer e estudar sobre um povo cultural, diversificado, guerreiro e de uma sabedoria incrivelmente contagiante.

⁵ Aculturação é o processo de modificação cultural de indivíduo, grupo ou povo que se adapta a outra cultura ou dela retira traços significativos.

É de suma importância tratar de assuntos referentes às influências indígenas na escola, seja a comida que planta, colhe e consume, nomes de cidades, palavras em tupi ou até mesmo o modo de se viver que reflete ao povo indígena, o conjunto disso remete ao respeito e reconhecimento da origem dos brasileiros.

4 Literatura indígena na escola

Trabalhar a diversidade cultural e o respeito às relações étnico-raciais na escola é reconhecer que a sociedade é heterogênia, ou seja, as particularidades e diferenças de cada povo ou comunidade precisam ser estudadas “para oferecer à escola a possibilidade de se debruçar sobre essa multiplicidade de concepções de mundo, crenças e valores culturais e linguísticos.” (CAGNETI 2015, p.14)

Em termos legislativos, essa teoria deveria ser praticada em sala de aula. A Lei nº 11.645/08 que altera a Lei nº 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) traz em seu Art.26º a obrigatoriedade do estudo e ensino das histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas “resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil” (BRASIL, 1996).

Como tal, deve ser incluída e estudada nos espaços institucionalizados do saber. A circulação de textos produzidos pelos índios na escola constitui a primeira etapa de promoção da diversidade de seus conhecimentos e escritura. Para que sejam percebidos e interpretados segundo seus critérios de validação, letramentos adequados precisam ser desenvolvidos para a compreensão desses textos. (THIÉL 2012, p. 98)

Para um desenvolvimento de letramento literário, é preciso compreender as multimodalidades dos textos indígenas, construindo uma análise crítica entre essas características e entendendo que a “palavra-voz-imagem se fez palavra-letra-imagem” como afirma Thiél (2012, p. 99). Outro fator importante a ser trabalhado na sala de aula é desconstrução da “descoberta” do Brasil, “assim, podemos reforçar que estudar literatura indígena na escola permite deslocar os sentidos (im)postos pela própria escola, ao longo do tempo, do que é ser índio, ser indígena no Brasil” (BORGES, 2016, p. 91). É recorrente que na sala de aula haja esse tipo de ensinamentos e é dentro dela que esse ciclo precisa ser quebrado, pois o que houve há 500 anos, não foi apenas uma colonização, foi também um massacre a toda cultura que os povos indígenas praticavam.

Quando os europeus desembarcaram aqui encontram os povos que falavam a língua tupi, como os Tupinambá - povo forte e guerreiro que fez frente a muitas formas de escravidão. Foi por isso que essa língua acabou ganhando contornos grandiosos na cultura brasileira, uma vez que foi a mais conhecida, estudada e falada pelos primeiros colonizadores, chegando, mesmo, a ser a língua mais falada no Brasil até o século XVIII, quando o Marquês de Pombal decretou sua proibição. (MUNDURUKU, 2009, p.39)

No livro *O tupi que você fala*, o autor apresenta várias palavras de origem tupi utilizadas no cotidiano das pessoas. Com uma pegada infantil e instigante, Fragata (2018, p. 4-6-8) inicia o texto da seguinte forma: “Aposto que você sabe falar tupi e eu provo aqui. Você entende quando dizem guri, jabuticaba ou jabuti? Sabe que bicho é quando falam sagui, tamanduá ou siri?”, essas perguntas fazem com que a criança entre em um universo de curiosidades e descobertas capazes de aguçar o sentimento por sua ancestralidade e o interesse às suas origens.

Guedes (2020) levanta a questão de se estudar também, a língua dos povos indígenas para a melhor compreensão desse povo brasileiro, como já foi dito, a língua tupi é originária do Brasil e com isso levanta-se o questionamento do porquê não se aprender esse idioma como se aprende o inglês nas escolas, ou seja, a presença ocidental é muito presente no país desvalorizando assim, a cultura existente aqui. É esse tipo de curiosidade e questionamentos que é necessário se trabalhar na sala de aula, para que o aluno comece desde sua infância, a valorizar e respeitar a diversidade existente no Brasil, “esse contraponto é essencial para nós termos mais compreensão de quem somos, pois quando olhamos para o outro, estamos reconhecendo o que temos de comum e de diferente” (PAULI 2015, p.13)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Neves (2012) há uma dificuldade para os professores trabalharem essa temática na sala de aula, pois, a falta de especialização e/ou formação dessa área ainda é escassa. No entanto, os livros escritos pelos próprios autores indígenas têm a

função de justamente fazer isso: transmitir as diversas etnias, costumes, valores e manifestações existentes na cultura de seu povo. A autora ainda sugere algumas propostas pedagógicas para se trabalhar com os alunos por meio das semelhanças e diferenças.

Um dos desafios do professor é trabalhar sempre na perspectiva da diversidade cultura dos povos indígenas, considerando as diferenças entre os povos. As características do modo de vida trazidas para a sala de aula devem sempre ser identificadas com um povo ou uma comunidade específica. Afinal, vale lembrar que se há muita diversidade cultural entre os povos indígenas, ela também existe entre os brasileiros não indígenas. Há diferenças regionais, religiosas, de origem étnica provocadas pela imigração, de classe social. Na perspectiva da diversidade, a identificação de quem é aquele de quem estamos tratando torna-se centra. (NEVES 2012, p.76)

Essa relação entre o diferente e o igual promove a educação para os valores humanos, “saber quem somos é o primeiro passo para o respeito ao outro, que nasce do respeito a si mesmo. Quem se respeita, respeita o outro.” (MUNDURUKU 2009, p.73). No livro *“Trilhas literárias indígenas para a sala de aula”* Sueli de Souza Cagnet e Alcione Pauli, discutem trilhas a serem seguidas na sala de aula com os alunos. Uma das ideias propostas é utilizar o mito como um dos gêneros da literatura.

O mito sempre esteve na base das grandes narrativas literárias, pois são eles que se debruçam (como a própria literatura e a arte, de modo geral) sobre os grandes mistérios que circundam o homem e sua condição, mistérios que – embora tantos ciclos e etapas tenham sido vividos pela humanidade – permaneceram em seu imutável segredo. Daí precisarmos de mitos e ritos que, de forma metafórica, falem-nos de nossas passagens, de nossos desejos, de nossa finitude, de nossa relação com a natureza, amenizando nossa ansiedade quando o inexplicável bate a nossa porta. (CAGNETI 2015, p.32)

Geralmente, os mitos indígenas contam a história da criação da terra e do homem, onde os grandes deuses são os elementos da natureza. Isso faz com que o aluno compreenda e absorva os ensinamentos que os indígenas repassam nos livros – o respeito, preservação e a promoção da luta contra o desmatamento ambiental.

E uma das dobras do pensamento das nações indígenas que é marcante e que nos coloca a refletir é referente ao respeito com a fauna, a flora, a água, os seres e a terra. Esse, talvez, seja um dos fios pelos quais essas etnias estão ligadas [...] (PAULI 2015, p. 55)

Janice Thiél apresenta, também, algumas propostas de atividades em seu livro *“Pele silenciosa, pele sonora, a literatura indígena e destaque”*, uma delas foi denominada de *“Práticas leitoras: A arte de narrar”*. Divididos em três etapas:

1. *Etapa de pré-leitura*, onde será feito questionamentos sobre o título, sumário e a identificação de gêneros presentes no livro, como contos, preces e poemas.

Em seguidas os alunos serão divididos em grupos, cada um com um gênero para fazerem uma pesquisa sobre eles e apresentarem na sala de aula, suas características, estruturas e tradições.

2. *Etapa durante a leitura*, que será a parte da apresentação e leitura dos gêneros juntamente com uma reflexão sobre o texto, a relação entre as tradições ancestral/ocidental, identidade e semelhanças de palavras indígenas utilizadas no cotidiano.
3. *Etapa de pós-leitura*, Pode ser discutida a temática ambiental entre os alunos, o respeito e proteção que os indígenas têm com a Mãe Natureza. Também pode ser feita uma relação de texto/imagem, prece/música, palavras indígenas e palavras brasileiras, entre outras coisas.

As etapas de leitura apresentada pela autora juntamente com a ideia de Sueli e Alcione contribuem para que o aluno se envolva em cada particularidade da literatura indígena e construa, a partir disso, uma visão crítica acerca do “descobrimento do Brasil” estudado nos livros de história e compreenda ainda mais que esse povo lutou e continuam lutando por respeito e valorização.

A escola com sua responsabilidade social e educativa necessita olhar com outros olhos essa literatura para notar o quão enriquecedor é se trabalhar com esses tipos de propostas na sala de aula para construir cidadãos capazes de respeitar o diferente e contribuir para o combate à discriminação étnica e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura indígena traz um leque muito grande sobre a diversidade cultural e a pluralidade étnica existente no país, ao ser trabalhado na sala de aula, a escola desenvolve a promoção do respeito, valorização e o reconhecimento da cultura indígena e de seus escritores. Essa importância de reconhecimento é essencial para a ampliação de livros autorais indígenas em todas as escolas brasileiras para serem lidas e estudadas por todos.

Além disso, a questão dos 500 anos também é um ponto significativo a ser tratado na escola, pois se precisa desmitificar a ideia de que o europeu descobriu o Brasil. Para compreender que não foi dessa maneira é necessário ouvir aqueles que sempre estiveram aqui: os indígenas, e nada mais justo do que ler sua história, divulgá-la e valorizá-la.

Dentro da literatura indígena existe multimodalidades textuais que ajudam a compor a riqueza de seus conteúdos, com isso, o universo de conhecimento é imenso e a criança começa a se identificar, respeitar e buscar por sua ancestralidade. As influências culturais indígenas que ainda permanecem na sociedade é uma resistência dos povos que lutaram, para que estas não se perdessem no tempo e através da oralidade essas histórias reais, são escritas nos livros indígenas para o público infanto-juvenil e adulto. Assim, se faz necessário a expansão da leitura da literatura indígena na sala de aula para resinificar o olhar sobre os povos nativos do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Zuleika Andradas. As relações étnico-raciais negra e indígena na escola: possibilidades de ações pedagógicas reduzindo o preconceito. **Tear: Revista de educação, ciência e tecnologia**, Canoas, v.3, n.1, p.1-13, 2014

BORGES, Fabiana Claudia Viana. A literatura indígena na escola: uma análise da obra “Tekoa: conhecendo uma aldeia indígena”. **Plures Humanidades**, Brasil, v.17, n.1, p. 88-102, 2016.

CAGNETI, Sueli de Souza; PAULI, Alcione. **Trilhas literárias indígenas para a sala de aula**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 63 p.

FUNARI, Pedro Paulo; PIÑÓN, Ana. **A temática indígena na escola: subsídios para os professores**. 1. ed., 2º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016. 121 p.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. 1. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. 196 p.

GUEDES, Karina. **A literatura indígena e o respeito à pluralidade cultural brasileira**. 2. ed. 2020. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-literatura/3585037>. Acesso em: 23 ago. 2020



LDB, **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – 2 ed. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018. 58 p.

MUNDURUKU, Daniel. **As serpentes que roubaram a noite e outros mitos**. 1. ed. São Paulo: Peirópolis, 2001. 53 p.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Global, 2009. 103 p.

NEVES, Ana Maria Bergamin. Como trabalhar a temática indígena?. *In: Interações: raízes históricas brasileiras*. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2012. 110 p.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora a literatura indígena em destaque**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 262 p.